

A PARTICIPAÇÃO DOS SERVIÇOS NAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR SELECIONADAS

Rosana Curzel

Professora no Departamento de Economia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

A intensa fragmentação da produção ocorrida nas décadas recentes vem desafiando os governos, sobretudo os formuladores de políticas. Por um lado, a percepção cada vez mais latente de que a consolidação da fragmentação requer mercados cada vez mais abertos, de modo a propiciar o acesso aos insumos mais eficientes existentes e, assim, aumentar a competitividade. De outro, o uso das estatísticas tradicionais sobre as exportações pode induzir o aumento do protecionismo. Daí os esforços recentes da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), Organização Mundial do Comércio (OMC) e United Nations Conference on Trade and Development (Unctad) para produzir estatísticas sobre o comércio baseadas no valor adicionado.

Neste estudo, utilizamos essa base de dados recém construída para averiguar seu conteúdo sobre as cadeias automotiva de produtos de madeira e de produtos alimentícios, escolhidas por serem aquelas com maior participação do setor de serviços em suas exportações.

Podemos conferir, por exemplo, o que se propaga: que os serviços estão subestimados. Enquanto na estatística de dados brutos os serviços corresponderam a 23,5% das exportações em 2009, no valor adicionado esse percentual alcançou 44,7%.

Entre as maiores contribuições dos serviços na cadeia automotiva, destacamos a da Polônia e da Índia, aquela por ser do Leste Europeu e esta por ser o único asiático, e ambas porque têm se destacado com ampla participação nas cadeias de valor.

Entre os exportadores selecionados da cadeia automotiva, observou-se tendência de diminuição do conteúdo doméstico das exportações, apesar de ter sido interrompida pela crise de 2008. No entanto, o Brasil destacou-se como o de maior conteúdo doméstico. Todos os exportadores selecionados eram predominantemente compradores de insumos estrangeiros para a composição de suas próprias exportações. A

China destacou-se com o maior número de estágios na produção, tendo se acelerado para especializar-se na produção de insumos mais próximos ao consumidor final no início da cadeia automotiva. Já o Brasil, nesse caso, foi em direção contrária.

Os países que se mantiveram entre os maiores exportadores mundiais dos produtos de madeira, edição e impressão, em todos os anos observados, também foram aqueles que apresentaram diminuição da presença do conteúdo nacional. A China, por exemplo, também se destacou nesta cadeia: tornou-se o quarto maior exportador em 2005 e mudou-se para a terceira posição nos anos de 2008 e 2009. Foi a partir de 2005 que o conteúdo nacional despencou de patamares acima de 80% para abaixo de 65% na China.

Observou-se uma tendência em quase todos os países de crescimento da participação do valor adicionado dos serviços nas exportações brutas da cadeia. Contra essa tendência, o Brasil se destacou.

A China aumentou seu valor adicionado doméstico incorporado na demanda externa mundial, com uma taxa média anual de 15,36%. Além disso, foi a única que apresentou aumento no índice de participação na cadeia global de valor (CGV) de produtos de madeira etc. Neste quesito, a Irlanda foi o país que apresentou maior redução nesse índice.

Ainda no caso da participação na cadeia dos produtos de madeira, os três maiores – Finlândia, Áustria e Suécia –, cujos índices foram maiores, eram predominantemente importadores de insumos estrangeiros para suas exportações; o quarto e o quinto lugar – Indonésia e Brasil – foram mais ofertantes de insumos intermediários domésticos como conteúdo das exportações de outros países.

Em todos os anos considerados, os quatro maiores líderes de exportações de alimentos foram Estados Unidos, Holanda, Alemanha e França. Desses, apenas a Holanda aumentou o conteúdo nacional nessas exportações; apesar disso, trata-se de uma taxa de participação já

bastante baixa. A China destaca-se a partir de 2000, quando aparece como uma das dez maiores economias exportadoras de alimentos, alcançando o sétimo e o oitavo lugar em 2008 e 2009, respectivamente. Nesses três últimos anos, o conteúdo nacional chinês nas exportações de alimentos ficou abaixo do patamar de 77%, enquanto nos anos anteriores tal patamar era superior a 92%. O Brasil sempre apareceu entre os dez maiores exportadores de alimentos, saindo da décima posição, em 1995, para a sexta posição, em 2009. No entanto, a taxa de conteúdo nacional nessas exportações nunca esteve abaixo de 90%.

China, Itália e Canadá destacaram-se na aceleração da participação do valor adicionado de serviços nas exportações brutas, mas a Alemanha ainda possui a maior contribuição dos serviços nas exportações. No caso brasileiro, a participação dos serviços foi maior em 2000, tendo caído a partir daí.

No quesito valor adicionado doméstico incorporado na demanda final externa mundial, a China, mais uma vez, aumentou sua participação, tendo crescido em média 6,06% ao ano essa presença.

Os resultados evidenciam o processo de continuidade da fragmentação em diferentes velocidades, dependendo do setor e/ou país. Infelizmente, o setor de serviços ainda não possui dados mais desagregados.

SUMÁRIO EXECUTIVO